

## O FUTEBOL BRASILEIRO E SUA CONTRIBUIÇÃO NO COMBATE AO APARTHEID SUL-AFRICANO: O CASO PORTUGUESA SANTISTA

ARISTIDES LEO PARDO - UNESPAR<sup>9</sup>

Professor Orientador: André Bueno

### INTRODUÇÃO

No ano em que o Brasil foi novamente sede de uma edição da Copa do Mundo de Futebol (a primeira foi em 1950), o esporte bretão entra em cena novamente como um dos assuntos mais comentados em todos os lugares, sejam em bares, escolas, escritórios, seja, inclusive, no âmbito acadêmico.

Desde sua introdução no Brasil, nos anos finais do século XIX como esporte para jovens das classes mais abastadas, o futebol vem-se modificando e transformando a sociedade a seu redor, enfrentando preconceitos, sendo utilizado como ferramenta para despolitizar operários, elemento propagandístico, afirmador de identidades, aglutinador de pessoas e de ideias, além de movimentador de capitais financeiros, tornando-se, assim, elemento ímpar para se entender a cultura e sociedade de um determinado local ou povo.

Neste trabalho, voltaremos ao final dos anos de 1950, período em que o futebol brasileiro entraria em voga mundialmente, após vencer duas Copas do Mundo consecutivas; em 1958, na Suécia e, em 1962, no Chile, com uma equipe repleta de craques, como Garrincha, Didi, Vavá, entre outros, com destaque para um menino negro e franzino, de apenas 17 anos, que entraria para a história como “O Rei do Futebol”. Essa conquista abriu caminho para que os clubes brasileiros pegassem carona no sucesso do selecionado nacional e conseguissem agendar jogos no exterior, prática que não se restringiu aos times mais famosos, pois os de menor expressão também se aventuraram em gramados estrangeiros.

Dessas excursões de equipes de menos prestígio, destacam-se duas participações do Madureira, do Rio de Janeiro, que visitou a China comunista e Cuba pós-revolução, chegando até a serem recepcionados por “Che” Guevara.

Outra épica participação brasileira foi a ida da Portuguesa Santista, em excursão por gramados africanos, onde a equipe fez uma campanha irretocável, com 15 vitórias, em 15 jogos, e protagonizaria uma triste história de racismo sofrida por três de seus atletas (negros) impedidos de jogar na África do Sul, no auge do regime do Apartheid, tema deste estudo. Esse fato gerou diversas consequências negativas para o país africano no âmbito esportivo, diplomático, social e político, tendo assim, o time santista dado, ainda que de forma modesta, sua contribuição contra o regime segregacionista que imperou naquele país por mais de quatro décadas.

### OBJETIVOS

#### OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho foi entender como um clube de futebol brasileiro, que não figura entre os principais do país, contribuiu para que as agruras do regime de segregação racial implantado institucionalmente na África do Sul fosse mostrado ao mundo em sua mais cruel nuance.

<sup>9</sup> Jornalista (MTE 26009-07 /RJ) formado pela UNIFLU, Campus FAFIC, Campos dos Goytacazes, RJ (2207); Especialista em História cultura e patrimônio pela UNESPAR (2014) e acadêmico do 4º ano do Curso de História na mesma instituição. E-mail: fulano@uniuv.edu.br

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Mostrar como o futebol ultrapassou o campo esportivo, influenciando na economia, na política, na cultura, na identidade e na formação social brasileira.
- b) Explicar, resumidamente, as teorias eugênicas e a justificativa científica da suposta superioridade de uma raça sobre a outra, sobrepondo, assim, o viés religioso que justificou a escravidão negra.

## METODOLOGIA

Análise das fontes; reportagem do programa Esporte Espetacular (2009) e a Revista oficial da A.A. Portuguesa (2012), pesquisa fílmica e revisão bibliográfica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao embarcar no Porto de Santos, a delegação da Portuguesa, jamais imaginava que no seu retorno trariam além dos dólares que receberam pela excursão, uma campanha invicta e uma chocante história que marcaria por toda a vida do clube, dos jogadores, e do futebol brasileiro, influenciando, inclusive, nas relações do Brasil com a África do Sul.

Em seu desembarque em Santos, os jogadores foram recepcionados por uma multidão de torcedores, pelo feito em solo africano, tendo os jogadores desfilado em carro do Corpo de Bombeiros, pelas ruas da cidade e, seguidos por uma carreata, que terminou com volta olímpica no Estádio Ulrico Mursa.

Por ocasião dessa viagem, o Brasil verificou na pele o que acontecia na África do Sul e foi o primeiro passo para o gradativo rompimento diplomático de vários países com a nação africana, tendo inclusive Dennis Brutus, um desportista branco sul-africano, incansável na luta contra o racismo, e que acreditava que o esporte era o melhor meio de minar o então sistema vigente, agradeceu ao Brasil, em um programa de televisão, pouco antes de sua morte, em 26 de dezembro de 2009, da seguinte forma: “Muito obrigado por ter nos ajudado na nossa luta por Humanidade”. E com essa singela participação no combate ao regime de segregação racial na África do Sul, a Associação Atlética Portuguesa, prestes a completar seu centenário, pode-se orgulhar entre outras glórias, de ter ajudado a combater o regime de terror do Apartheid, que durou 46 anos.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer - futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Faperj / Mauad, 2002

CAPELETTO, Lisete (Jorn. Resp.). **Briosa - A Revista da Associação Atlética Portuguesa**. Santos: Demar, 2012. Ano I, Edição Especial de Aniversário. Tiragem 10.000 exemplares.

DURTE, Marcelo (supervisão editorial); VALENTINE, Danilo (edição); BORBA, Alex (artes). **Enciclopédia do Futebol Brasileiro**. v. 1. Rio de Janeiro: Lance e Aretê, 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PEREIRA, Francisco José. **Apartheid: O Horror Branco na África do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Tudo é História nº 102.